

1

Segundo Orson Welles, dentro de cada um de nós há um assassino, um fascista, um santo.

O actor elimina as partes de si mesmo que interferem com a personagem. O essencial não é pintar o rosto, mas despir-se. Kate representara nua uma vez, a princípio sentira-se estranha, depois compreendera que não tinha importância porque mostrava os seus ossos, a sua alma, todas as noites.

Kate apaixonara-se por Tennessee Williams nas aulas de teatro em Dublin. As peças em um acto. Na capa do livro, uma rosa cravada num pedaço de madeira. No fundo só lhe interessava uma das histórias. O céu de uma brancura de leite, o ar húmido e frio, a casa amarela em ruínas com uma tabuleta: *This property is condemned*. O papel de Willie, a menina que deixara de ir à escola e vivia escondida na casa. Sentira-se uma princesa, com o vestido de baile rasgado na coxa, as jóias falsas, o cabelo puxado para cima, as madeixas soltas. Equilibrava-se na calha da via-férrea e falava ao rapazinho sentado no chão da sua irmã Alva, e dos homens que a procuravam, porque era a principal atracção daquele lugar. Dizia-lhe que herdara os amantes da irmã, tal como os vestidos e os adereços; mais tarde, quando morresse, outra rapariga iria ficar com eles. Foi a primeira vez que Kate sentiu o coração

partir-se por alguém que a comovia e magoava, e era uma parte dela mesma.

Quando estudava em Londres, entrara numa versão de *The Glass Menagerie*. Passara tardes na Tate a ver os filmes, o de 1950 que Tennessee Williams detestava, um dos mais belos monólogos de sempre, o tempo é a maior das distâncias, desaparecera para dar lugar a um final feliz. Ele teria gostado do filme de 1973, Katharine Hepburn a falar de malária e de junquinhos, Sam Waterston a dizer que estivera no cinema e a oferecer a Laura o lenço do mágico, que fazia os pássaros transformarem-se em peixes e os peixes em pássaros, o *gentleman caller*, como um rapazinho crescido, a estender os braços para ver a sua sombra projectada na parede, e Laura a ser beijada pela primeira vez. As infinitas possibilidades de uma escada de incêndio, a música que vinha do bar no outro lado do beco. A *sua* Laura parecia-se com a de Joanna Miles, o coxear era quase invisível, e deixava que a mãe se ajoelhasse aos seus pés para lhe subir a bainha do vestido.

Anos depois, conseguiu o papel de Catherine em *Suddenly Last Summer*. O filme de Katharine Hepburn entrara na sua vida muito cedo, a história das tartarugas e das aves marinhas, o terrível rosto de Deus. A *sua* Catherine estava mais próxima de Natasha Richardson (na versão com Maggie Smith) do que de Elizabeth Taylor. A peça saía de cartaz ao fim de duas semanas, havia algo de errado, tinha a ver com o tempo... Lembrava-se dos pequenos rituais, hoje dormi durante a tarde e as coisas correram melhor, hoje fiz amor durante a tarde e as coisas correram melhor... mas depois tudo corria mal de novo, e não sabia porquê, nenhum dos actores sabia porquê. É uma das piores coisas no mundo, representar mal e ter consciência disso.

Há muito tempo que não interpretava uma personagem de Tennessee Williams. Trabalhara em pubs para pagar a renda, fizera inúmeras audições, aceitara pequenos papéis em peças sem importância e, como dançava bem e cantava um pouco, participa-

ra em musicais, uma rapariga bonita no meio de muitas raparigas bonitas, com brilhantes falsos no corpete e fios puxados nas meias. Os homens que esperavam à saída dos teatros, os ramos de flores amachucadas, os seus passos na calçada nas noites de chuva, e um quarto alugado com os cabides do armário partidos, nódoas na colcha e janelas que davam para pátios das traseiras.

E então, como um milagre, o papel de Blanche DuBois.

O filme de Elia Kazan sempre a impressionara muito. Gostava de *Baby Doll*, da casa em ruínas, do vestido branco de Carroll Baker, da animalidade de Karl Malden e Eli Wallach, dos negros sentados em cadeiras de vime que passavam o tempo a rir dos brancos, da canção da mulher negra no bar. O desejo que impregnava o filme era visível, como os corpos do homem e da rapariga sentados no baloiço. Mas para ela, era em *Streetcar* que um actor encarnava o desejo de uma forma que nunca vira num ecrã, Kim Hunter quando falava do marido (when he's away for a week I nearly go wild), Kim Hunter a descer as escadas ao encontro de Brando, o seu corpo a dobrar-se sobre o corpo ajoelhado dele, a música que a censura eliminara na primeira versão do filme.

Estava cansada e a audição para o papel de Stella correu mal. Levantara-se da cadeira e recolhia as suas coisas, quando o encenador lhe perguntou:

— Não quer ler o papel de Blanche?

Blanche era sempre interpretada por actrizes mais velhas. Mas a personagem tinha uns trinta anos. Pegou nas páginas impressas e respirou fundo. Em Nova Orleães havia dois eléctricos, um chamado *Desire* e o outro *Cemeteries*. Para chegarmos ao nosso destino, tínhamos de passar do primeiro para o segundo.

Kate teria ficado igualmente surpreendida se lhe dessem o papel da mulher que percorria a cidade com o seu pregão, flores, flores para los muertos. A confiança dos primeiros anos desaparecera e tornava-se difícil acreditar que um dia fora a menina que se equilibrava na calha da via-férrea, a rapariga que perguntava

se as estrelas tinham cinco pontas, a rapariga que falava de Deus entre as plantas carnívoras. Relera a peça devagar (encontros com estranhos era afinal intimidades com estranhos), vira o filme de Kazan, e depois procurara outras versões. Era inquietante ver Blanche passar do corpo de Vivien Leigh para o de Ann-Margret, para o de Jessica Lange. Ann-Margret dizia palavras que ganhavam um novo sentido, o cheiro dos jasmims, fazes-me crescer água na boca.

Kate tinha medo, mas ela sempre tivera medo, arrancava tanto de si mesma que se sentia nua no vestido branco, com as pérolas falsas. Ao fim de alguns dias sentiu que encontrara a personagem (o que estava a mais ficava no camarim), mas aquele processo era tão delicado, tão frágil, que preferia não pensar nele, não falar dele, porque a qualquer momento podia desfazer-se no ar.

Recomeçava todas as noites, três horas no palco, o perfume de jasmim no braço, as notas de piano que soavam na sua mente, os vestidos brancos de Blanche, Williams gostava das suas mulheres vestidas de branco (ou seria Elia Kazan?), os fios de pérolas, a tiara com pedrinhas brancas, o que há de mais parecido com o vidro, diamantes de Tiffany's.

O actor que representava Stanley parecia-se um pouco com Treat Williams e no final, quando partia a garrafa, tinha mesmo vontade de matá-lo. Tiger, tiger. Embora a cena estivesse bem coreografada, por vezes arranhavam-se, feriam-se com pouca gravidade. Era como se ele a partisse aos bocados todas as noites, e ela tivesse de juntá-los e criar uma pessoa inteira até ao espectáculo seguinte. E começava de novo, uma mulher frágil com uns restos de orgulho, uns restos de esperança, uns restos de desejo, porque o contrário do desejo é a morte, e ela ainda não queria morrer.

O actor que fazia de psiquiatra tinha uma gentileza que a comovia e que transportava para a personagem. Parecia muito feliz por ter conseguido aquele papel, ele que em tempos fora Vânia ou Polonius. Kate lembrara-se do actor a quem tinham perguntado

qual era a história de *Streetcar* e dissera “a de um médico que vai buscar uma mulher doente a um bairro de Nova Orleães”. Sentia que para este velho actor a história também era essa, havia algo no seu rosto, nos seus olhos, que quase a fazia acreditar que podemos depender da amabilidade dos estranhos.

A peça foi cancelada ao fim de quatro meses. Quatro meses que a deixaram completamente exausta. O dinheiro não durou muito e teve de voltar a fazer audições.

Naquela manhã, tinha tomado um duche quente (no final a água estava fria, como de costume), vestira-se e metera na mala a roupa e os livros. Não que gostasse de viajar *light*. Os quartos alugados onde vivera nos últimos anos não eram lugar para ter muitos livros; comprava-os normalmente em segunda mão e vendia-os a seguir. Deixou na mesa-de-cabeceira o seu relógio de pulso (que não valia quase nada), num sinal de boa vontade. Estava a dever quase duas semanas de renda. Deitou pelos ombros a sua velha gabardina cinzenta. Ninguém a viu sair.

Foi ao fim da tarde que entrou no *Vulcan*. Alguém lhe dissera num dos outros teatros que havia audições para o papel principal, pois a actriz que devia desempenhá-lo tinha aceite fazer um filme para a televisão.